



LIBERTAÇÃO E VIOLÊNCIA: A DESUMANIZAÇÃO DO HOMEM PELO PRÓPRIO HOMEM EM *A GERAÇÃO DA UTOPIA*, DE PEPETELA

*LIBERACIÓN Y VIOLENCIA: LA DESHUMANIZACIÓN DEL HOMBRE
POR SÍ MISMO EN LA GENERACIÓN DE UTOPIA, POR PEPETELA*

*RELEASE AND VIOLENCE: THE DEHUMANIZATION OF MAN BY
HIMSELF IN THE GENERATION OF UTOPIA, BY PEPETELA*

André Rezende Benatti¹

Gabriel Ambrósio²

RESUMO:

Este artigo pretende analisar os aspectos que envolvem a desumanização do homem durante o processo de libertação de Angola representados no romance *A geração da utopia* (2004), de Pepetela. Libertar-se daqueles que nos oprimem sempre é algo que leva tempo, nunca é algo pacífico. Para Hannah Arendt (2004), algoz que encara suas violências como ordem, e que para este não são violências, vê o sujeito oprimido como violento, pois este se rebela contra o sistema imposto como natural pelo algoz. A construção da nação ainda tem complexos problemas que são representados por memórias marcadas pela colonização e a violência pós-independência na vida sociocultural. Não obstante a vontade da libertação, o sentido de ser livre, não inibe o que sucedeu pela força de um sistema com representantes do país. A memória dos guerrilheiros no contexto pós- independência é de extrema importância para o futuro das ex-colônias. Conforme Fanon (1968) em *Os condenados da terra*, sobretudo, a dificuldade de diálogo entre os homens fazendo estes recorrerem à violência. Pois há um legado mais violento do que a própria emancipação sociocultural e histórica. Para o artigo nos ateremos, além dos teóricos e críticos que estudam a violência como Xavier Crittitz (2009), Walter Mignolo (2003) Santos e Meneses (2009), Achille Mbembe (2016) entre outros, também em teóricos e críticos dos estudos pós-coloniais como Frantz Fanon (1968, 2008), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: libertação, violência, pós-colonialidade, *A geração da utopia*.

1 Doutor em Letras Neolatinas na UFRJ. Professor Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: andre_benatti29@hotmail.com

2 Mestrando em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

E-mail: ambrosionuni@gmail.com



ABSTRACT:

This article intends to analyze the aspects that involve the dehumanization of man during the liberation process of Angola represented in the novel The generation of utopia (2004), by Pepetela. Freeing oneself from those who oppress us is always time consuming, never peaceful. For Hannah Arendt (2004), an executioner who sees his violence as an order, and who for this is not violence, sees the oppressed subject as violent, as he rebels against the system imposed as natural by the executioner. Nation building still has complex problems that are represented by memories marked by colonization and post-independence violence in sociocultural life. Notwithstanding the will to liberation, the sense of being free does not inhibit what has happened due to the strength of a system with representatives of the country. The memory of guerrillas in the post-independence context is extremely important for the future of the former colonies. According to Fanon (1968) in Os condenados da terra, above all, the difficulty of dialogue between men making them resort to violence. For there is a more violent legacy than the socio-cultural and historical emancipation itself. For the article we will stick to, in addition to theorists and critics who study violence such as Xavier Crittitz (2009), Walter Mignolo (2003) Santos and Meneses (2009), Achille Mbembe (2016) among others, also in theorists and critics of post-colonial studies like Frantz Fanon (1968, 2008), among others.

KEYWORDS: liberation, violence, post-coloniality, A geração da utopia.

RESUMEN:

Este artículo pretende analizar los aspectos que implican la deshumanización del hombre durante el proceso de liberación de Angola representados en la novela La generación de la utopía (2004), de Pepetela. Liberarse de aquellos que nos oprimen siempre lleva tiempo, nunca es pacífico. Para Hannah Arendt (2004), un verdugo que ve su violencia como una orden, y que por eso no es violencia, ve al sujeto oprimido como violento, pues se rebela contra el sistema impuesto como natural por el verdugo. La construcción de la nación aún tiene problemas complejos que están representados por recuerdos marcados por la colonización y la violencia post-independencia en la vida sociocultural. No obstante la voluntad de liberación, la sensación de libertad no inhibe lo sucedido por la solidez de un sistema con representantes del país. La memoria de la guerrilla en el contexto posterior a la independencia es de suma importancia para el futuro de las antiguas colonias. Según Fanon (1968) en Os condenados da terra, sobre todo, la dificultad del diálogo entre los hombres les hace recurrir a la violencia. Porque hay un legado más violento que la propia emancipación sociocultural e histórica. Para el artículo nos ceñiremos, además de a teóricos y críticos que estudian la violencia como Xavier Crittitz (2009), Walter Mignolo (2003) Santos y Meneses (2009), Achille Mbembe (2016) entre otros, también en teóricos y críticos de los estudios de pos-coloniales como Frantz Fanon (1968, 2008), entre otros.

PALABRAS CLAVE: liberación, violencia, poscolonialidad, A geração da utopia.

Introdução

Uma breve história da abertura da nossa apresentação, da literatura e a história do país desde a ocupação, invasão e a divisão geográfica das nações dentro do atual espaço chamado Angola. Começar pela literatura e por meio da professora e crítica literária Inocência Mata (2006) no ensaio *Laços da memória e outros ensaios sobre literatura angolana* da nação que tem ruínas múltiplas da violência. Ela afirma que “o cenário de ruínas da condição angolana, e não apenas de precariedade socioeconômica, inclui também a desorganização da memória, dos espaços e dos afectos” (MATA, 2006, p. 115). Memórias da Angola sob forma literária em descobertas contemporâneas. Não vamos esmiuçar a história complexa que envolve o país, mas ao referenciar o historiador Paulo Fagundes Visentini (2012) na obra *As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*, que através das pesquisas históricas traz olhares distintos e muitos elementos históricos contextuais do século XX e as suas revoluções. É aqui que entra o perfil do romance *A Geração da Utopia*, de Pepetela (2004), narra a violência de forma direta e contextual que envolveu o próprio homem, guerrilheiro, o político. Diante do contexto que o Romance denomina a revolução como um lema da geração, que também é chamada de nacionalista, ora combatente e grande idealista. Os movimentos causados pelas ideologias da guerra fria:

[...] A tal revolução que tem a frente não vai ser como ele imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chamava de anarquista. As revoluções são para libertar e libertam quando têm sucesso. [...] E tornam-se cadáveres putrefactos que os ditos revolucionários carregam as costas toda vida. (PEPETELA, 2004, p. 124).

Apropriada consciência da libertação deixa marcas memoriais da narrativa, essa vida desumanizada que procura se humanizar. Quem é o opressor? Os militares colonizadores, os políticos ou outros inimigos da violência ideológica, ora da paz. A narrativa do romance se dá em meio às ideias políticas e fuga de preparo de entrada de melhor espaço para a defesa da terra violada, oprimida, do desespero das mulheres, dos feridos pelos inimigos. A representação literária da grávida, ou seja, “flores delicadas com proletários suando no meio do óleo das máquinas e poentes violetas com gerações de grávidas arrastando as barrigas cheias de revolucionários” (PEPETELA, 2004, p. 120). As representações da grávida podem entendê-la como uma metáfora que significa que os vários conflitos que nasceu a geração dos homens, mulheres e também da nação que buscava a libertação. A grávida é o povo que estava cheio de ideias que os encorajava para o sentido da mudança revolucionária.

[...] Os nacionalistas angolanos, cada vez mais radicais, pensam que os angolanos devem lutar em Angola, de forma absolutamente independente e sem ter nada que ouvir os papás da esquerda portuguesa. Lutamos pela independência do país e por isso devemos ter movimentos políticos absolutamente independentes. Somos nós, com a guerra em Angola, que vamos

derrubar o fascismo. Esta é a maka. (PEPETELA, 2004, p. 57).

A linguagem *maka* é da origem na língua angolana kimbundu e que significa o problema, o conflito, essa demonstração do romancista acompanha a sociolinguagem e, como sociólogo de formação, utiliza-a como parte artística e literária. A determinação da vontade da autonomia e independência estava no lema dos movimentos nacionalistas que estavam acompanhando o contexto africano de outras coloniais portuguesas e o contexto mundial, após a Segunda Guerra.

Os problemas são e foram enormes nos jovens inspirando o trabalho dos proletários que não têm descanso, pois é a situação do explorador colonizador que tem o poder de subjugar o homem, a mulher que carrega no ventre em corpo, silenciando como normalidade. Dessa maneira as cenas dos personagens conversavam os acontecimentos violentos. O começo da iniciativa descolonial está em revoltas no Norte de Angola.

– Mas estás mesmo a estudar, Vitor? Os exames veem aí.

– Bem, tenho estudado. Mas ultimamente, sabes, com todos esses acontecimentos, deve haver poucos que estão mesmo a estudar. Uma pessoa pensa, pensa... A cabeça está virada para outras coisas.

– Sim, não é o melhor momento para se prepararem exames. Mas tem de ser. Há que fazer um esforço.

Para ela também não era fácil, sobretudo quando se tratava de relatório do estágio. O que se passa realmente na terra? O que é verdade e o que é propaganda do regime? E como estão os pais lá, confrontados com uma guerra? Pois é duma guerra se trata, diga o governo o que disser. As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiro, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome duma antes desconhecida UPA e de Lumumba, que eram uma esperança de futuro. Tudo começou em 15 de Março. Não, antes em 4 de fevereiro, houve ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas. Aí também mistério, quem executara as ações, qual seu objetivo? Depois foi Março no Norte. Um levantamento contra os brancos, os fazendeiros de café eram mortos e as povoações saqueadas (PEPETELA, 2004, p. 15-16).

Situação da violência presente e bem narrados pelo romance *A Geração da utopia*, que se confrontou com violência uma data que marca a revolta dos nacionalistas, ora presos e torturados. Aqui estamos na presença clara da representação da preocupação dos estudantes em Portugal com a terra, pois como os personagens dialogando e revelando sobre os episódios violentos que na perspectiva teórica do Fanon (1968) em *Os condenados da terra* que essa forte

situação de violência deve ser respondida pela outra desumanização do terror entre os humanos, desde a história é reflita de contextos que Mbembe (2016) no ensaio *Necropolítica* a impetuosa atuação dos invasores coloniais sobre territórios africanos. Também trazemos a autora, filósofa Hannah Arendt (2004) na obra *Da violência* aponta questões ligadas a política e as relações internacionais afirmando os termos como “destruição mútua” e acrescentamos

[...] A principal por que os conflitos armados ainda existem, não é nem um desejo secreto de morte da espécie humana, ou um irreprimível instinto de agressão, nem, finalmente, e mais plausivelmente, os sérios perigos econômicos e sociais inerentes ao desarmamento: porém o simples fato de que substituto alguém para esse árbitro final nas relações internacionais apareceu ainda no cenário político. (ARENDR, 2004, p. 5).

Essa é uma situação ainda atual, pois a política internacional não evita os conflitos. Assim na literatura representa a violência conforme os personagens e seus contextos. Sobre a violência para Xavier Crittiez (2009) em *Las formas de la violencia* de várias formas que pode existir, sentir, impor a violência

[...] mas habitado pela guerra por décadas; nas mídias sociais claramente desfavorecidas e forçadas a trazer uma realidade diária de tensões e gritos. A dificuldade em medir o estupro reside no pus, na falta de experiências comparáveis e critérios culturais comuns.(CRITTIEZ, 2009, p. 12 “Nossa tradução”).³

A situação da repressão e torturas que vinham acontecendo no contexto da guerra, representado no romance que estabelecemos um diálogo com o povo angolano, pode-se entender a reflexão acima. Há repressão e desejo de manter o conformismo no seio da sociedade dominada por colonizador europeu, aliás, essa e outras atitudes presentes no romance de Pepetela que é demonstrada na forma sentida, pelos personagens que são sujeitos, que representados e ficcionalizada, narrada como sendo uma experiência vivida pelo povo angolano no contexto do colonizados e colonizador Portugal nos anos 1950 a 1975. A falta de compreensão do colonizador não queria perder os seus privilégios dominantes, colonizando o espaço territorial em solo africano. Essa condição que leva os colonizados na procura da autonomia política e sociocultural, gerando-se assim a violência que os homens se envolvem [...] La violencia no es solo un acto de coerción: también es una pulsión que puede tener como única finalidad su expresión, para satisfacer la ira, el odio o un sentimiento negativo que tratan de manifestarse (CRITTIEZ, 2009, p. 13). O sentido negativo tem origem no comportamento sociocultural e político econômico do contexto histórico que já desumanizava os colonizados quando geriam o território então invadido pela violência simbólica e desrespeito cultural da existência dos outros povos. Crittiez (2009) que afirma as violências envolvem os discursos.

3 No original: [...] pero habitadas por la guerra durante décadas; en medios sociales claramente desfavorecidos y obligados a suportar una realidad cotidiana una de tensiones y gritos. La dificultad para medir la violencia reside pus, en la falta de vivencias comparables y criterios culturales comunes.(CRITTIEZ, 2009, p. 12).

Como manifestações de desprezo heterofobia por uma identidade sexual ou racial manifestações de superioridade (discurso colonial) ou negação de sofrimento encontradas nos argumentos negacionistas/ constituem violência cuja dimensão simbólica é ferozmente prejudicial. (CRITTIEZ, 2009, p. 20-21 “Nossa tradução”)⁴.

O que temos é que essa violência colonial existe na forma simbólica e física dentro do território angolano representado por Pepetela. No romance o sofrimento narrado pelos espaços, os sentimentos dos personagens são sentidos pelas lembranças dos massacres, os mortos em fazendas formando representações violentas.

É a reação dos colonizados, ou os desumanizados que tentam se libertar da mesma forma que Fanon (1968) defende como resultado de saturação das consequências coloniais nos países dominados com o uso da forma e violência descolonial. O autor enfatiza de forma socio-histórica e psicológica a dimensão do sofrimento dos povos que lutam para sua emancipação. O desejo do sistema colonial representada pelo romance era de manter o contexto de superioridade política, social e cultural até nos movimentos que se tentavam organizando-se em Angola.

Os elementos narrativos sobre o colonialismo, a memória e o silêncio sociocultural e socio-histórico, sobretudo, baseado em Fanon que temos como base em *Os Condenados da Terra*, em Crittiez com *Las Formas de la Violencia* e em Arendt (2004) demonstram o quão foi e continua a violência. Mas em Fanon temos os conceitos de descolonização, violência que após independência que continuou com desumanização que a sociedade enfrentou no romance ficcional através da fala dos personagens.

[...] Desculpava-lhe todas as pequenas falhas, defendia-o quando precisava, confiando nele. Afinal, não passa dum oportunista.

– Estas a exagerar. É um dirigente capaz...

– Como todos, enquanto são dirigentes. São todos capazes e honestos, sem exceção. Quando um deixa de ser dirigente, então é que se sabe afinal era um incompetente e um corrupto. A metodologia do poder, ou a mitificação dos homens do poder. Passa-se em qualquer religião ou seita. O chefe da seita é um santo, um desinteressado, adorado pelos fiéis. Quando cai, descobre-se que era o diabo e tem uma conta secreta na Suíça com milhões. (PEPETELA, 2004, p. 225).

Os personagens Vitor, Mundial, Sara e Marta que dialogam sobre o que sucedeu no desenrolar da vida e a realidade vivida.

⁴ No original [...]As manifestaciones de heterofobia desprecio por una identidad sexual o racial) las manifestaciones de superioridad (discurso colonial) o la negación del sufrimiento (que se encuentra em los argumentos negacionistas/ constituyen violencias cuya dimensión simbólica es ferozmente hiriente. (CRITTIEZ, 2009, p. 20-21)

Veremos abaixo que o martinicano e argelino escreveu:

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessentialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da História. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos (FANON, 1968, p. 26).

Para relacionar pensamento do Fanon, sentimos a memória para a representação da história do novo homem no imaginário que Pepetela fala nesse romance. O país já sob domínio do território que Visentini (2012) afirma que Angola foi dividida na conferência de Berlim em 1884 “a mão de obra barata, o trabalho forçado nas fazendas, ou seja, [...] a instituição do trabalho forçado em Angola, que vigorou de 1878 até 1961” (VISENTINI, 2012, p. 47). Essa história já era conhecida e outros povos africanos já havia, a guerra da Argélia já tinha fama que é referenciada pelo romance que acompanhavam pela imprensa garantindo a esperança para África através da francesa Denise que contou que era “Adepta do FLN argelino, tinha mesmo chegado a militar num grupo de apoio à independência da Argélia” (PEPETELA, 2004, p. 74). Logo, percebemos pelos ensaios teóricos do Fanon.

A narração da violência simbólica na literatura e história, que destruiu as ligações das aldeias e comunidades tradicionais africanas restantes através do estabelecimento de povoamentos controlados e da manutenção das diferenças entre os grupos étnicos (VISENTINI, 2012, p. 47). Só alguns imaginários dos personagens criados para representarem no romance do Pepetela. Essa representação e outras não conhecidas trazem o espírito dos movimentos nacionalistas sem esquecer a exploração da força dos homens, das mulheres. A exploração das gerações, a repressão colonial dará a coragem dos nacionalistas a procurarem a emancipação.

Mas o que não devemos perder de vista é que ‘na África’ teria podido estourar em qualquer outro lugar na Guiné ou na Somália, e ainda hoje pode estourar em todas as partes onde o colonialismo pretenda perdurar, como em Angola, por exemplo. A existência da luta armada indica que o povo está decidido a só depositar confiança nos meios violentos. Ele, de quem sempre se desse que só compreendia a linguagem da força, resolveu exprimir-se pela força (FANON, 1968, p. 64-65).

A situação dos países africanos que envolveram na força e violência era tanta que parece-nos as lutas armadas eram as últimas alternativas. Os episódios narrados na *A geração da utopia* (2004) percebe-se a representação da vida de um povo que busca a liberdade humana, segundo os personagens a liberdade era um grande propósito a ser conquistada.

Libertar-se daqueles que nos oprimem sempre é algo que leva tempo, nunca é algo pacífico. Para Hannah Arendt (2004), algo que encara suas violências como ordem, e que para este não são violências, vê o sujeito oprimido como violento, pois este se rebela contra o

sistema imposto como natural pelo algoz. A construção da nação tem complexos problemas, que aparecem representados no romance de Pepetela, como podemos visualizar no trecho abaixo:

[...] Esses ficarão como os grandes vítimas, não nossas, mas da colonização. [...] um povo nunca perdoa massacres, mesmo se feito em nome da liberdade. – A história me ensina que os povos têm memória curta. Uma geração é sacrificada, mas a seguinte integrou-se e pronto. Todos os poderes se constituem com base na violência, nalgum momento. Depois de passada a necessária fase de violência, então pode-se ser democrata. E o povo orgulha-se das suas liberdades. (ARENDETT, 2004, p. 93-94).

Os personagens reconhecem que o sacrifício que envolveu os movimentos nacionalistas tinha unidade na diversidade, espírito da violência como meio da revolução e da busca das liberdades. A política da descolonização nos países colonizados pelos portugueses talvez o único meio. Pois a assimilação com uma estratégia na colonização funcionava, e funciona, tão bem para esconder as misérias de milhões de pessoas e a prosperidade de poucos. Não obstante a vontade da libertação, o sentido de ser livre, não inibe o que sucede pela força apropriada de um sistema com representantes do país, conforme Santos (2010), em capítulo “Des-pensar para poder pensar”, há mesmo dificuldades de realização do que a descolonização, por meio imaginário, que poderia servir de alternativa:

A dificuldade de imaginar que a alternativa ao colonialismo reside na visão de que o colonialismo interno não é nem sozinho nem principalmente uma política de Estado, como foi o caso durante o colonialismo da ocupação estrangeira: é uma gramática social muito vasta que atravessa a sociabilidade, o espaço público e o espaço privado, cultura, mentalidades e subjetividades. (SANTOS, 2010, p. 14-15)⁵. “Nossa tradução”

Esta é a síndrome local. Além da violência cultural, no sentido contemporâneo, mas a própria política do Estado que maltrata os cidadãos. Saindo do pensamento do ensaio de Santos e voltando na utopia que dentro do romance de Pepetela traz em linguagem ‘extraliterário’ pode ser percebida pelos personagens. Assim, neste processo violento de construção da nação angolana durante o período da guerra de libertação, representado no romance, e os questionamentos sobre o que a nação se tornou após a independência. A memória dos guerrilheiros no contexto pós-independência é de extrema importância para o futuro das ex-colônias que enfrentavam também as querelas internas dentro dos movimentos, representando-se a fala “Tribalistas somos todos” (PEPETELA, 2004, p. 194). Entretanto, entre os três movimentos nacionalistas os dois Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), União Nacional da Independência Total de Angola (UNITA), não gostavam de misturar-se com os assimilados e filhos de brancos segundo

5 No original [...] La dificultad de imaginario que la alternativa al colonialismo reside en que el colonialismo interno no es solo ni principalmente una política de Estado, como sucedia durante el colonialismo de colonialismo de ocupación extranjera: es una gramática social muy vasta que atraviesa la sociabilidad, el espacio público y el espacio privado, la cultura, las mentalidades y las subjetividades. (SANTOS, 2010, p. 14-15).

Visentini (2012) e o autor afirma ainda que o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) foi o primeiro a aceitar os assimilados mestiços no seu movimento “o MPLA foi o primeiro a iniciar ações revolucionárias de luta pela independência de Angola” (VISENTINI, 2012, p. 51). Nesse movimento em que os personagens representados pelo autor, da *A Geração da Utopia* demonstram a preocupação dos camaradas mas depois começou a criticar o rumo que o partido tomou quando chegou ao poder, seus antigos companheiros políticos após a independência. Claro, a violência continuou de forma assustadora e caminhando-se numa verdadeira desumanização do homem pelo homem.

A questão tribal é recorrente em *A geração da utopia*, como sendo uma crítica étnica e cultural, pois é uma forma de falta de consciência comum e da diferença. Se o país é constituído por vários povos conhecidos, não poderia haver separação tribal. Mas podemos colocar o cerne mais profundo dessa problemática pela história do século XIX, na chamada partilha da África ou na conferência de Berlim. Esse marco típico da colonização conduziu um conjunto de violências. Na conferência de Berlim, o colonialismo está na base desses problemas surgidos; os sobreviventes adotaram, conforme Fanon (1968) em *Os condenados da terra* o contexto da colonização referenciando a tal conferência de Berlim. Mas também critica a “incapacidade do intelectual colonizado para o diálogo” (1968, p. 37). Foi este contexto que surgem os burgueses que continuaram com a violência pós-independência e o sutil beco sem saída que Santos e Maria Paula Meneses (2009) na “introdução” as *Epistemologias do Sul* o colonizador além de violentar os colonizados queriam abolir as “diferenças culturais” o desprezo das experiências locais. Essa forma de homogeneizar as culturas e suas diferenças na negação provocou no sentido simbólico a desumanização do homem nos pertinente pensar a descolonização territorial e as fronteiras modernas. Fronteiras salvadoras narrativamente representando a memória da resistência da violência. Já o teórico camaronês Achille Mbembe (2016) em *Necropolítica* aponta o caminho das violências nos países africanos, sendo territórios marcados pela colonização e pela descolonização violenta no caso de Angola. Todas essas complexidades nem sempre pensadas fora da literatura, algumas não são visíveis, mas sim invisíveis como também se refere no pensamento abissal (SANTOS, 2009).

O intelectual e crítico da história colonial Mbembe (2016) analisa, sobretudo, sobre o pensamento colonial nos países colonizados e que carregam o imaginário subalterno e periféricos da civilização. Mignolo (2003) em “posfácio” da obra *Histórias locais/projetos globais*: afirma para “uma outra língua, um outro pensamento, uma outra lógica” afirma quanto ao pensamento subalterno que chama de “[...] colonialidade interno é a colonialidade do poder inserida no Estado-nação após a descolonização, seja na América Latina do século 19 ou na África e na Ásia na segunda metade do século 20” (MIGNOLO, 2003, p. 421).

Essa é a recusa do colonizador em reprimir os que estavam querendo descolonização, talvez seja o não cumprimento do projeto de exploração, civilização dos nativos. Assim foi

na América Latina e na África. Hoje, a violência está ligada ao processo civilizatório Santos (2009) também fala da mesma questão da violenta civilização ocidental em outros povos não europeus. A exploração e colonização é parte da violência e contemporaneamente os agentes de Estado produz como referenciado pela A geração da utopia por parte de agentes da PIDE. Eles eram racistas e perseguidores de estudantes Pepetela, 2004.

Logo pensando na ideia da representação do escritor Pepetela, o ensaísta e crítico Mbembe (2016) considera como violento o modelo econômico baseado na escravidão e opressão. Igualmente, afirma que “Todas as manifestações de guerra e hostilidade marginalizadas no imaginário legal europeu encontraram lugar para reemergir nas colônias” (MBEMBE, 2016, p. 134). Ademais, o sistema econômico exploratório de um lado e de outro lado, a hostilidade acompanharam a marginalização nas colônias. Desse modo, esse modelo nos países recém- descolonizados não presta atenção aos vulneráveis. Acreditamos que os colonizadores negavam a humanidade dos colonizados como escreve Mignolo. “A negação da contemporaneidade tornou-se uma das estratégias mais poderosas para a colonialidade do poder na subalternização das línguas, saberes e culturas” (MIGNOLO, 2003, p. 385). O que nos faz pensar a colonialidade de forma invisível que continua sob o domínio hegemônico das línguas e saberes culturais. Ademais, antes referenciamos o crítico pós-colonial e o historiador que um governador da província Norton de Matos, esse governador que retirou o poder nas entidades tradicionais locais e os deixou sem, negaram-se os saberes, suas culturas isso é demonstração que “objetivo destruir os poderes locais” (MBEMBE, 2016, p. 134). Como também os diálogos que estabelecemos com o historiador Visentini (2012). De igual modo os problemas tribais e do racismo, segundo Mignolo, são “[...] a matriz que permeia todos os domínios dos imaginários do sistema mundial colonial/ moderno” (MIGNOLO, 2003, p.37). O tribalismo é nosso grifo para usar como aparece no romance do Pepetela escrito nos 1990. O conceito da colonialidade do poder pensamos que sejam importantes, que perpassa na literatura pós-colonial, em nosso entender é o que Mignolo designa.

Não existe modernidade sem colonialidade, que a colonialidade do poder subjaz à construção da nação tanto nas histórias locais das nações que conceberam e implementaram projetos globais que lhes diziam respeito, mas sem sua participação direta. (MIGNOLO, 2003, p. 74).

A colonialidade e a modernidade têm um percurso na literatura e na política da nação angolana, que continua na memória imaginária de artistas inclusive e outros antigos nacionalistas e guerrilheiros. Para continuar bem na literatura e colonialidade trazemos a crítica literária Lúcia Helena Marques Ribeiro (2013) em *Um mar de utopias ou narrativas das guerras coloniais*, para se referir das ex-colônias portuguesas na África, segundo esse texto da década 1960, não sabiam a violência em países africanos. Ela afirma que “[...] enquanto brincava a minha infância nas ruas de Porto Alegre, acontecia uma guerra, escondida de nós brasileiros, escondida do mundo, ou era o mundo que escondia para não ver a África e a sua circunstância.” (RIBEIRO, 2012, p. 442).

A desumanização, a violência não era divulgada, pois o mundo achava normal a violência. Lins Lima (1999) na obra *Violência e literatura* sobre essa questão da humanidade e a normalização da violência. Quando os intelectuais da América do Sul denominam a colonialidade moderna é um processo civilizatório que difundia a exploração e desumanização, foi assim que “[...] Nas guerras da África, o inimigo não tinha rosto, nem forma. O Português branco vai combater o africano negro a fim de manter a supremacia da raça e da nação, e da religião, já que a união entre a cruz e a espada sempre foi indissolúvel” (RIBEIRO, 2012, p. 446). A autora faz alusão da violência baseando se também no romance de Pepetela. Ela interpreta até a religião cristã, mas pela história do nacionalismo a Igreja Católica ajudou na consciência durante o processo da descolonização angolana.

A geração da utopia (2004) nos desafia e coloca algumas pistas, do subdesenvolvimento da nação após a conquista da independência. Aliás, se Pepetela deixa as pistas, o Fanon completa as pistas do subdesenvolvimento, assimilação cultural, imposição religiosa, assimilação jurídica, pois deixou mais legado violento do que a emancipação sociocultural e histórica. Quando nos referimos da utopia real e simbólica, na verdade, temos dois opressores o invisível e visível que não emancipou e faz da “dominação, da exploração de pilhagem” (FANON, 1968, p. 38) que o tempo era feito pelos colonizadores e hoje pelos visíveis dentro da colonialidade de poder. Pois aqui referenciar as questões psicológicas dos sujeitos colonizados que se envaidecem deixando os milhões na eterna desumanização Fanon (2008) chamou de “Negro civilizado a estupefação chega ao cúmulo, pois ele está perfeitamente adaptado.” (FANON, 2008, p. 48). Consideramos como parte da violência simbólica quando a civilização forçosa que reinou e reina em Angola contemporânea se adaptou até pela violência estatal.

Para o ensaísta e crítico literário Lima Ronaldo Lins (1990) em *Violência e Literatura* relatos dos estudos realizados no mundo ocidental, sobretudo, que a violência e perpassados pela arte, literatura e dos estudos da psicanálise.

A violência e desumanização do homem pelo homem, em nosso entendimento podem ser rastreadas após a conferência de Berlim. Mas o século XX com maiores atrocidades, conforme Lins (1990). O próprio ser humano tamanha violência contra a própria humanidade. Ademais escrevia “[...] a moral de hoje aceita e integra a ideia do genocídio, como aceita e integra a ideia da tortura.” (LINS, 1990, p. 39). É o mesmo século em que Angola está ocorrendo à descolonização, à subalternização violenta do homem, da mulher, das crianças e dos velhos. Tratando-se da violência na representação literária e histórica a moral da humanidade nunca reagiu da melhor forma, a fim de que teria evitado os horrores, da escravidão, dos campos da concentração, da colonização violenta e as torturas que continuam em humanos. Ademais, não somente a violência fisicamente, mas sim a simbólica que encontramos representados na história da literatura de Angola escrita pelo Pepetela.

Neste sentido, Lins afirma a condição de explorar a violência entre os “dominantes e

dominados” (LINS, 1990, p. 45). Embora isso nem sempre se verifica com a intervenção da força bruta, mas temos o contrário no caso descolonial angolano. No contexto do romance a representação e demonstração da força bruta deram-se pelo dominador e os dominados não suportaram mais. As violências contra as crianças, as mulheres “os bombardeios que estão rasgando as barrigas negras das crianças e pessoa capturada não tinha escolha: indicava o caminho para a base guerrilheira ou imediatamente assassinada” (PEPETELA, 2004, p. 138). Acrescentam os relatos da dificuldade e desumanização no contexto em que a fome, o frio a morte nada fazer o inimigo é demasiado forte, nossos filhos e pais, maridos ousaram, acordaram as cinzas adormecidas dos maus espíritos e lançaram a maldição sobre nós (PEPETELA, 2004, p. 139). Nesta mesma linha de ideias em que se demonstra mais com a situação vivida pelos angolanos literariamente e historicamente para justificar essa violência entre os colonizadores e defesa dos colonizados. Após esses períodos parece que a desumanização tornou-se cultural não no continente africano conforme Mbembe e também o estudioso da violência “A humanidade tem sido, ao longo dos tempos, uma velha antiga violência” (LINS, 1990, p. 51). Há uma incapacidade de negociação, incapacidade de aceitar a diferença e reconhecer autonomia espaço temporal e sócio-histórico. Pois essa cultura da violência não tem um fim, logo as condições socioeconômicas, nos mostram mais a tendência da violência que recomeça pelo próprio Estado. Na verdade, temos que levar em conta a ideia de Achille Mbembe (2016) em *Necropolítica* como forma de violência estatal nos Estados globais, mas em particular na África. Para esse intelectual a violência está nas instituições, quer academias, fábricas de armamento, de alguns países que invade os outros desde os séculos XX até ao século XXI (MBEMBE, 2016).

Considerações finais

O processo histórico narrado em *A geração da Utopia* demonstra a complexidade dos nacionalistas, os guerrilheiros e também os colonizadores que resistiram longos anos de domínio e não gostariam de ter o privilégio de exploração. Mas até certo ponto as coisas chegaram ao extremo e quando os anos 1950 a 1960 são autênticas de mudanças em Portugal devido às questões políticas internas e a situação externa.

Todo o percurso deste romance está repleto de cenas fortes da desumanização, violência e detalhes de táticas militares que encontramos nas páginas, nas representações dialógicas entre os personagens e os vários espaços que estão representados desde Lisboa, França, Angola nas diversas regiões pautadas pelas memórias da história para a sua descolonização. As condições humanas eram extremamente precárias, por isso havia doenças como tuberculose, as aldeias vazias, fugas nas fronteiras de Norte ao Leste. Hoje, alguns antigos combatentes continuam sem a devida atenção e sem dignidade. Todo esse contexto teve origem depois da Segunda Guerra Mundial, a descolonização e a guerra da Argélia que o Fanon e o próprio autor, os personagens têm como inspiração. Pois a representação da libertação foi um duro golpe violento entre os colonizadores e colonizados.

Referências:

ARENDR, Hannah. **Da violência**. 2004. Disponível em <<http://pavio.net/download/textos/ARENDR,%20Hannah.%20Da%20Viol%C3%Aancia.pdf>> Acesso em 02 de agosto de 2020.

CRITTIEZ, Xavier. **Las formas de la violencia**. Traduzido por Silvia Kot. – 1. ed. Buenos Aires: Waldhuter editores, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira, Salvador. EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Civilização Brasileira, 1968. Versão digital.

LINS, Ronaldo Lima. **Violência e Literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MATA, Inocência. **Laços de Memória & Outros Ensaios sobre Literatura Angolana**. 2016, p. 123-151. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ N° 32, dezembro de 2016.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes Subalternos e Pensamento Liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

PESTANA, Artur/PEPETELA. **A geração da utopia**. Luanda: Editorial Nzila, 2004.

RIBEIRO, Helena Marques Lúcia. “Um mar de utopias ou narrativas de guerras coloniais”. In SOARES FONSECA, Maria Nazareth e FERREIRA CURY, Maria Zilda (orgs.). **África: Dinâmicas Culturais e Literárias**. Belo Horizonte: Ed. PUC-Minas, 2012.

SANTOS, Boaventura Sousa. “Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In SOUSA SANTOS, Boaventura de e MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra (CES): Editora Almedina, 2009.

SANTOS, Sousa de Boaventura. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: ed. Trilce, 2010.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. Direção da coleção Emília Viotti da Costa. São Paulo, SP: Ed. UNESP, 2012.